

A19209

Soldados impedem que área do Lixão seja invadida por favelados

Soldados da Polícia Militar e fiscais da Prefeitura de Vitória foram os elementos utilizados para rechaçar uma grande invasão de terrenos da marinha no Lixão de Goiabeiras, iniciada sexta-feira última. Os posseiros não chegaram a construir barracos no local, mas as estacas demarcatórias dos lotes continuam fincadas no mangue. Eles alegam que fizeram isso numa tentativa de conseguir uma casa própria, já que residindo em favelas, a maioria no próprio Lixão, pagam por barracos sem as mínimas condições higiênicas, uma média de Cr\$ 1.000,00 de aluguel.

A invasão ocorreu não somente na área considerada "de marinha", mas também em um terreno cercado — o muro foi destruído pelos posseiros — e que a Capitania dos Portos diz não ser propriedade de ninguém. Na tarde de ontem uma viatura da Polícia guarneceu a área para evitar futuras invasões, e o iniciador do movimento, conhecido popularmente por Maurino, está foragido.

De acordo com o que afirmaram populares, residentes na favela, tudo começou na quinta-feira da semana passada, quando Maurino, juntamente com um irmão seu, teria quebrado o muro existente entre a área onde estão situados os barracos e o restante do mangue, não aterrado. Os irmãos teriam alegado que o muro era irregular, apresentando, na oportunidade, inclusive, a argumentação de que a Capitania

dos Portos tinha autorizado a ação.

Quando o muro terminou de ser destruído, já na sexta-feira, uma multidão de favelados já se encontrava dentro do mangue cercado terrenos, sendo que o número de lotes pode ser avaliado em aproximadamente 50. Teve início, então, uma série de transações entre os que já haviam se apoderado do local e os que ainda não haviam feito isso.

Alguns lotes chegaram a ser "vendidos" por Cr\$ 150,00 a Cr\$ 200,00, por crianças, ou até mesmo trocados por relógios, rádios e outros instrumentos. No sábado, alertado pelo soldado da PM Maurílio Gonçalves Ramos a Polícia chegou, vindo depois acompanhada de fiscais da Prefeitura.

Só que enquanto isso era feito durante o dia, a noite os posseiros continuavam agindo, situação que veio se repetindo desde aquele dia até anteontem. Uma viatura da Polícia, de número 21, guardava, ontem à tarde, um dos pontos onde ocorreu a invasão, mas os elementos que a guarneciam não souberam explicar o que estavam fazendo realmente no lugar. Segundo disse um deles, a ordem era para permanecer ali.

Os posseiros entrevistados não quiseram se identificar, temendo represálias, mas afirmaram que se encontram invadindo o terreno de marinha em virtude dos aluguéis relativamente altos que pagam pelos barracos que ocupam dentro do Lixão, em média Cr\$ 1 mil.